

Ceilândia: De Favela à Região Administrativa¹

Vinícius da SILVA²

Sofia ZANFORLIN³

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

A grande reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa, produto do trabalho de conclusão do curso Comunicação Social – com Habilitação em Jornalismo, da Universidade Católica de Brasília, investiga a relação entre o centro (Brasília) e sua periferia (Ceilândia), desde a fundação da região até os movimentos culturais que nela (Ceilândia) existem, e como essas atividades são fundamentais para a construção identitária de Ceilândia.

PALAVRAS-CHAVE: Ceilândia, Brasília, cultura, periferia, grande reportagem

1 INTRODUÇÃO

A reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa, tem o objetivo de estabelecer a relação centro-periferia, no caso Brasília, como o centro, com a primeira favela a surgir no entorno da capital do país, Ceilândia. Apresentamos aqui referências teóricas que deram base para a construção da reportagem.

A reportagem, em sua primeira parte, retrata a história de Ceilândia, a partir do ponto de vista dos moradores que habitam a região desde a fundação. Também a do cineasta que tem representado a maior cidade do Distrito Federal no cinema. Morador de Ceilândia há mais de trinta anos, o diretor Adirley Queirós tem em suas obras críticas sobre o tema central da reportagem, como a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), processo que o artista descreve como “aborto territorial”, além da forma como os personagens fictícios e reais criados por Adirley se relacionam com o centro-periferia, sempre de maneira não natural.

A partir do filme “A Cidade é Uma Só?” – misto de documentário e ficção, exibido em 2011 como reflexão aos 50 anos de Brasília – de Adirley, a segunda parte da reportagem dialoga com o artigo publicado sobre a película, de Luciana Saboia e Liz Sandoval: “A Cidade É Uma Só?”, Luta Por Reconhecimento na Relação Centro-Periferia em Brasília. Buscamos respostas para os seguintes questionamentos: Ceilândia é Brasília? Moradores de Ceilândia se reconhecem em Brasília? A cidade é uma só?

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade JO08 Reportagem em Jornalismo Impresso (avulso).

² Aluno líder e recém-graduado em 2015 no Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: vinicius.remer@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: szanforlin@gmail.com.

Por último, investigamos como movimentos culturais periféricos podem agir como contraponto ao estereótipo de violência e insegurança da periferia, o que Ivana Bentes chama de “fábricas de morte e violência” (2007, p. 54). Segundo a pesquisadora, projetos culturais de iniciativa popular, serviriam para desconstruir o estereótipo de que periferias são lugares violentos.

2 OBJETIVO

- Objetivo Geral: Problematizar a relação centro e periferia tomando como ponto de partida o Plano Piloto e a periferia de Brasília, no caso específico, a região administrativa de Ceilândia a fim de discutir questões sobre pertencimento e identidade.
- Objetivos Específicos: Estabelecer a relação centro e periferia para responder, por meio da reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa, os questionamentos propostos na problematização;
- Por meio de entrevistas com moradores que moram na cidade desde o início, contar a história da fundação de Ceilândia e de como a construção problemática da região influenciou na vida dos habitantes;
- Tendo como pano de fundo a cinematografia de Adirley Queirós – cineasta de Ceilândia – explorar a relação entre centro e periferia presente nas obras do diretor;
- Discutir as possibilidades de ressignificação da identidade do lugar a partir dos movimentos culturais. Demonstrar, a partir de entrevistas, como a iniciativa dos próprios moradores em criar projetos culturais é importante para os habitantes se identificarem com a cidade onde moram e se sentirem pertencentes à região.

3 JUSTIFICATIVA

A necessidade em se estabelecer a relação entre Brasília e o nascimento da primeira periferia da capital do país, Ceilândia, surge de um desejo pessoal. Quando criança morei alguns anos em Ceilândia. A casa de pai e mãe estava localizada em frente a Administração Regional. Anos depois, após a morte de pai, fomos morar em Taguatinga – DF. O incidente envolvendo o assassinato da figura paterna é o momento mais doloroso da minha infância. O crime iniciou-se em Ceilândia e terminou com o corpo de pai achado três dias depois em

um matagal próximo a BR – 070. Passado mais alguns anos, voltei a morar em Ceilândia, agora, como adulto. Mesmo tempos depois, as minhas experiências com a violência na região não cessaram. Em poucos meses residente na cidade fui assaltado à mão armada e presenciei um assassinato na esquina de casa.

Mesmo com essas experiências busco retratar a cidade de outra forma, por acreditar que aquela região não se resume a criminalidade. Outro ponto surge da minha própria experiência com essas “cidades”. Muitas vezes preciso percorrer longos caminhos até a região do Plano Piloto para me divertir, assistir a um filme não comercial ou simplesmente trabalhar. Em Ceilândia, existem movimentos culturais autênticos – saraus, cineclubes, coletivos – que posso usufruir, excluindo a necessidade de ir até a capital federal. O interessante é buscar relações mais profundas sobre Ceilândia, sua história, seus personagens, sua relação com Brasília e de como ela está sendo tratada nas telonas, principalmente, sobre o “cinema de guerrilha” do cineasta Adirley Queirós. Escrever sobre a periferia retratando os estereótipos que ela carrega não é objetivo do produto final deste trabalho. Como futuro jornalista acredito que a profissão não deve se ater a juízos de valores e, sim, agir de maneira positiva ao desconstruir estereótipos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Existe uma lógica que permeia a produção noticiosa em jornais impressos, o telejornalismo, o radiojornalismo e demais veículos de comunicação, “a primazia fato-acontecimento-notícia-informação” (TAVARES, 2007, p. 09). Tavares trata o fato ou acontecimento como a matéria prima e o jornalista como o responsável por torná-lo um produto, no caso a notícia ou informação. Esse tipo de conexão descrita por Tavares remete à produção noticiosa, aquela do dia a dia, que é feita para a edição do dia seguinte do jornal, rádio, tv e demais veículos. Diferente da notícia, a grande reportagem segue a mesma lógica de Tavares, mas com aprofundamento.

Nas palavras de Kotscho a reportagem se trata de “matérias mais extensas, que procuram explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos” (2002, p. 71). Esse tipo de formato envolve custos. A lógica do fechamento em uma redação, sempre se preocupando com a edição de amanhã, não financia mais este tipo de reportagem, pois demanda tempo e dedicação do repórter.

Este tipo de reportagem significa um investimento muito grande, tanto em termos humanos, para o repórter, como financeiros para a empresa. (...) a chamada grande reportagem está desaparecendo dos nossos jornais. Além de custarem muito caro na fase de produção, estas matérias ocupam muito espaço, um espaço redacional cada vez mais rarefeito em todos os grandes jornais. (KOTSCHO, 2002, p. 71).

Já nas palavras de Sodré, a relação entre os gêneros como a notícia, reportagem e crônica assume ares poéticos.

Apelando-se para uma metáfora técnica, comparativa dos gêneros, é possível aceitar que a notícia seja uma fotografia do acontecimento; a reportagem, um pequeno filme, e a crônica, um caleidoscópio, ou seja, a possibilidade de uma visão multifacetada do cotidiano (SODRÉ, 2009, p. 145)

Partindo da mesma análise de Sodré, a grande reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa, recusa a ideia de simplesmente fazer um registro fotográfico com aspectos limitados de interpretação, para buscar uma multiplicidade de personagens, como forma de alcançar possibilidades maiores de interpretação da relação centro-periferia.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Até o mês de abril de 2015, antes da primeira apresentação do TCC, dediquei-me ao referencial teórico com pesquisas referentes ao produto final, como grande reportagem e jornalismo especializado. Nesse período também procurei publicações importantes para a construção da reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa. Encontrei o artigo “A Cidade É Uma Só?”, Luta Por Reconhecimento na Relação Centro-Periferia em Brasília, de Luciana Saboia e Liz Sandoval. Mande e-mail para elas no dia 23 de fevereiro, tendo, somente, resposta de Liz. No dia 13 de março de 2015, entrevistei a arquiteta Liz Sandoval, coautora do artigo, a decupagem ocorreu dias depois.

Após a primeira banca, a avaliadora Angélica Cordova recomendou entrevistar moradores de Ceilândia para a reportagem. Entrevistei os personagens Veronica Francisca e Domingo Soares no dia 09 de abril de 2015. Também Francisca Alves, no dia 11 de abril de 2015. Após vários contatos com Adirley Queirós, o primeiro foi dia 23 de fevereiro e depois de muitos e-mails trocados, ele me recebe em sua casa em Ceilândia Norte, no dia 10 de abril de 2015.

Já com a secretária da Cidadania e Diversidade Cultural, Ivana Bentes, tentei um primeiro contato por e-mail no dia 3 de março, o e-mail voltou. No mesmo dia, mandei

mensagem para o perfil dela no Facebook, sem resposta. No dia 24 de março, mandei e-mail para o setor de comunicação da secretaria solicitando a entrevista, realizada no gabinete da secretária no dia 14 de abril.

Os projetos culturais em Ceilândia, que cito na reportagem, como Sarau da VA e Coletivo Maria Perifa foram entrevistados no dia 5 de maio. Rafinha Bravoz idealizador do Sarau me recebeu durante a edição do evento. No mesmo dia, Xênia Rodrigues e Dani Black conversaram comigo sobre o Coletivo Maria Perifa. Durante o processo de reportagem, o Governo do Distrito Federal (GDF) adotou a nova marca Governo de Brasília (GB). Entrei em contato com a assessoria da Casa Civil em uma tentativa de conversar com o Chefe de Estado da Casa Civil do Distrito Federal, na época Hélio Doyle. Nos dias 5 e 6 de maio, após várias tentativas de conversar com ele por telefone, desisto de entrevistá-lo.

Após a apuração dediquei-me ao processo de decupagem e em escrever a reportagem. Quando finalizada, voltei para o referencial teórico para ajustes finais. Depois, foi feita a diagramação da reportagem.

6 CONSIDERAÇÕES

Com a reportagem Ceilândia: de Favela à Região Administrativa pronta é possível notar mudanças em relação ao centro (Brasília) e a periferia (Ceilândia). Na geração de Adirley Queirós e também a dos primeiros moradores de Ceilândia, aqueles que vieram da Vila do IAPI, nota-se que ser morador de Ceilândia é ruim, pois as pessoas de outras localidades encaram os habitantes daquela região de maneira preconceituosa, como “favelados” ou “bandidos”. Nega-se a própria cidade. Adirley e os moradores não dizem que moram em Ceilândia, pois ser da cidade não desperta “bons olhares”. O cineasta em entrevista ao autor, afirma que seu cinema é também um recorte geracional e, para ele, enquanto não parar de se sentir incomodado com “tudo o que está aí”, não faz mais cinema. Porém, ele reconhece que hoje as pessoas têm orgulho de serem moradores de Ceilândia. Fato que se confirma pelos habitantes que vieram da Vila do IAPI, orgulhos ceilandenses.

Os entrevistados que vieram da Vila do IAPI são pessoas mais velhas e que não se relacionam com o centro (Brasília). Ao entrevistar os integrantes dos movimentos culturais em Ceilândia, pessoas jovens, percebe-se que eles se relacionam com o Plano Piloto. Alguns estão inseridos na Universidade de Brasília (UnB), trabalham na região e são atuantes culturalmente, como Rafinha Bravoz. Mesmo se relacionando com Brasília não se

negam em relação a Ceilândia, alguns sentem orgulho em dizer que na cidade deles acontece eventos culturais, como o Samba, o Sarau e até o Coletivo Maria Perifa.

Os moradores de Ceilândia, principalmente os jovens e com o acesso maior ao conhecimento, como a universidade, por exemplo, se reconhecem como periféricos e criam maneiras – movimentos culturais – como forma de despertar em outros moradores da região o sentido de identificação com o território, gerando o sentimento de pertencimento, logo, deixam de ser objetos da sociologia, por exemplo, e tornam-se atuantes na comunidade. Quando isso acontece o discurso passa a ser mais contundente e quando se relacionam com Brasília, com o centro, carregam suas identidades periféricas despertadas por esses projetos, pelo o acesso maior a universidade e pela identificação também ao território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, Ivana. **Redes colaborativas e precariado produtivo**. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3418>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1990. (a consultar)

GODOY, Carolline Dias de. **Sol nascente**: trecho 2: redesenho e requalificação urbana. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. 2 v.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002.

KOWALEWSKI, Daniele Pechuti. **O multiculturalismo no percurso do reconhecimento**: Indagações filosóficas de Paul Ricouer acerca do presente. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao15/o_multiculturalismo_no_percurso_do_reconhecimento.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2015.

LOPES, Danielle de Carvalho. **Uma análise de conteúdo das notícias do Correio Braziliense sobre a Ceilândia**. Disponível em:

<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1603/2/20412695.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

RAMOS, Talita Silva Porto. **Fora de campo: A identidade, a heterodoxia e o fazer cinematográfico de Adirley Queirós.** Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8312/1/2014_TalitaSilvaPortoRamos.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** 4. ed., rev. e atual. São Paulo, SP: Contexto, 2011.

SABOIA, Luciana; SANDOVAL, Liz. **“A cidade é uma só?”, luta por reconhecimento na relação centro-periferia em Brasília.** Disponível em:

<<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST163.pdf> >. Acesso em: 25 mar. 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, c2009.

SODRÉ, Muniz. **Multiculturalismo e educação.** Disponível em:

<<http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=C66C4B33F8CEC7AEC987785B479CE894?idInterview=8369>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Percursos entre o jornalismo e o jornalismo especializado.** Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0648-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.